

# Apresentação

## TEMPO DE TRAVESSIA: QUE COTIDIANO É ESTE?

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma de nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia, e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre à margem de nós mesmos. (FERNANDO PESSOA. Tempo de Travessia)

A escolha desta epígrafe reflete o fato de que os textos que compõem esta Edição Especial apontam, com *astúcia*, nossas travessias por outros caminhos de pesquisa, outros modos de *versentirviver* o mundo. Buscamos sair da margem de nós mesmos ao pesquisarmos o que está à margem e, em se tratando da educação escolar, o que encontramos nessa travessia é uma infinidade de redes de subjetividades e significações que, às vezes, são visíveis e outras não tão visíveis assim. Acreditamos que a beleza desta travessia na qual nos empenhamos é a possibilidade de, ao nos entranharmos no cotidiano, naquilo que está mais próximo de nós, vermos outras coisas, experimentarmos outros sentimentos, irmos a outros lugares e, quase sempre, desinvisibilizarmos (SANTOS, 2004) aquilo que está invisibilizado.

É buscando apresentar algumas destas travessias que o Grupo Formação, Conhecimentos e Culturas (FOCCUS) do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade (NEPED) da Universidade Federal de Juiz de Fora propõe reflexões realizadas sob a égide do cotidiano escolar. Os artigos que compõem esta edição são frutos de pesquisas e estudos que têm em comum a disposição de enfrentar o desafio de refletir, sem julgar, o movimento das escolas, evidenciando conhecimentos e culturas. Essa perspectiva de pesquisa permite-nos *versentirviver* tanto a face aparente quanto a face oculta das práticas empreendidas na educação escolar. Bertold Brecht (1977) nos ajuda a pensar a proposta deste número que pretende mergulhar no cotidiano escolar, nos dizendo que: “Estranhem o que não for estranho; Tomem por inexplicável o habitual; Sintam-se perplexos ante o cotidiano”.

Tal perspectiva confere à *arte de fazer* (CERTEAU, 1994) pesquisa uma lógica diferente daquela conferida sob os preceitos da Modernidade que aprisiona o pensamento e distancia-se das práticas cotidianas. O paradigma cartesiano não nos permite o mergulho (ALVES, 2001). e a entrada na escola com olhos de *versentirviver*. Há um aprisionamento do olhar que insiste em análises e pré-julgamentos a partir de visões verticalizadas e prescritivas da prática pedagógica. O conhecimento, nesta lógica, é nas palavras de Santos (2000) algo desprovido de paixão, de sentimentos, o que distancia ainda mais o conhecimento do senso comum de uma valorização.

A perspectiva das pesquisas com o cotidiano compreende uma abordagem epistemológica que vem questionando o cientificismo positivista em busca dos riscos, do efêmero, do movimento caótico presente nas práticas educacionais evidenciando a complexidade que envolve a vida cotidiana dentro e fora das escolas.

A palavra complexidade só pode exprimir nosso incômodo, nossa confusão, nossa incapacidade para definir de modo simples, para nomear de modo claro, para ordenar nossas ideias [...] Ela suporta, ao contrário, uma pesada carga semântica, pois que traz em seu seio confusão, incerteza, desordem. Sua primeira definição não pode fornecer nenhuma elucidação: é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem

a uma ideia simples. Em outros termos, o complexo não pode se resumir à palavra complexidade, referir-se a uma lei da complexidade, reduzir-se a ideia de complexidade. Não se poderia fazer da complexidade algo que se definisse de modo simples e ocupasse o lugar da simplicidade. *A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução* (MORIN, 2007, p. 5-6)

É a assunção da complexidade que faz com que nós, pesquisadores e pesquisadoras *com* o cotidiano, assumamos a transitoriedade e a parcialidade de nossos conhecimentos, pois não nos interessa subjugar, categorizar, classificar, hierarquizar e explicar os fenômenos estudados, mas sim nos interessa refletir os processos buscando melhor compreender a complexidade humana e indagando os mecanismos de ocultamento que são cotidianamente produzidos nas relações sociais. Em outras palavras, buscamos trazer à tona outros jeitos de *versentirviver* o mundo.

Esta perspectiva epistemológica consiste “precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenômenos, limitando ou anulando as suas relações recíprocas.” (PAIS, 2003, p. 30)

Recusamos uma perspectiva de cientificidade que nos induz a dissecar os sentidos das coisas através de apenas um ponto de vista, o que reduz a uma análise superficial e fragmentada, sendo que as marcas do cotidiano configuram-se como impregnadas de dinamicidade, descontinuidades e movimentos, que são dificultados por uma análise global. As peculiaridades e as minúcias são, na verdade, imbricamentos de pequenas partes que somadas formam um todo, noutras palavras, é preciso *versentirviver* o todo nas partes e as partes no todo (MORIN, 2007).

Ao assumir a complexidade como um novo paradigma, entendemos a escola como um *todo-dinâmico-complexo*, cujas partes são essenciais para o todo-funcionamento, e que além de produtora ela também se autoproduz. A instituição escolar, neste contexto, é campo privilegiado de *sentirvivercompreender* os (e)feitos da complexidade. Ao (re)inventarmos o ato de pesquisar estamos nos (re)inventando e (re)inventando as possibilidades de encontramos nos cotidianos esolares contribuições para que as iniciativas emancipatórias existentes sejam desinvisibilizadas para tornarem-se exemplares. (SANTOS, 1987)

Sustentados nessa nova perspectiva epistemológica os textos que aqui foram reunidos têm em comum o desafio de pensar o cotidiano e isto implica, potencialmente, num mergulho profundo, com novas roupagens, pluralidade metodológica, novos artefatos para melhor compreender e problematizar as situações vivenciadas e o uso de diferentes estilos textuais e de escrita. Nesta travessia eles pretendem nos levar a lugares/situações aparentemente conhecidos, mas que podem nos surpreender com outras perspectivas, outros lugares dentro dos lugares.

Nossa travessia começa com o texto “*Pesquisa com o cotidiano: caminhos da formação da professorapesquisadora*” de Andréa Serpa. Ao lê-lo somos convidados a acompanhá-la nesta reflexão sobre a aventura que é pesquisarmos *com o* cotidiano, e não *sobre ele*. Ao longo do texto, Andréa nos apresenta certos desafios, muitas dúvidas e algumas armadilhas mas, sobretudo, nos mostra que a pesquisa *com o* cotidiano nega a “coisificação” que transforma os sujeitos – sejam alunos, professoras, mães – em objetos e nega a arrogância que transforma o(a) pesquisador(a) em soberano(a) defensor(a) do estatuto da verdade. Guiados pela autora, vamos nos deparando com questões densas... Qual a formação docente necessária para enfrentarmos o desafio de produzirmos uma escola de qualidade para as classes populares no Brasil? Crianças... e o que são crianças? Como aprendem? Que professora serve ao projeto democrático e emancipatório? Que professora serve ao projeto colonial e tecnicista? Que professora para qual escola? Será que realmente não interessa as professoras discutirem suas práticas? Que realmente não se preocupam

com sua formação? E é conversando que ela nos faz refletir sobre os desafios e, sobretudo, sobre suas experiências de pesquisa *com o cotidiano* e sobre o potencial da conversa não apenas como uma metodologia da própria pesquisa, mas como uma metodologia poderosa de formação coletiva e partilhada. Ela defende, de um jeito apaixonado, que sejam tecidas, a partir das experiências, novas práticas e processos de formação continuada com as professoras e não para elas. E, nos incita a enfrentar o desafio de pensar e produzir juntos este espaço da tradução e da negociação entre diferentes lógicas e desejos, percepções e medos, diferentes projetos de mundo e de escola.

De forma poética e encantadora, Graça Regina, também trata da questão da formação docente em seu artigo “*A narrativização das práticas como prática de liberdade*”, onde apresenta parte da pesquisa que tem desenvolvido com professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de um município da Baixada Fluminense/RJ, buscando trazer para o lugar da pesquisa um espaço de trocas de vivências e experiências. A autora aponta que é por meio do *espaçotempo* de troca que as professoras reforçam seus sentimentos de pertencimento, de identidade profissional e de autoria que são importantes para que se apropriem dos processos de mudança e os transformem em práticas concretas de intervenção. Identificando o cotidiano das práticas como um *espaçotempo* de produção de conhecimentos temos em seu texto o vislumbre de que é possível tecer reflexões coletivas enredadas numa trama de fios interligados de todas as maneiras e advindos das mais diferentes vivências e de conjunturas plurais, repletas de movimento.

Graciele é autora do texto “*Inventoras de trilhas na racionalidade funcionalista: biblioteca itinerante e alfabetização*” e também partilha a ideia de que o cotidiano das práticas é um *espaçotempo* de produção de conhecimentos. Na tecedura do texto vai nos guiando pelas práticas cotidianas em uma escola de educação em tempo integral e nos encanta com as trilhas inventadas pelas professoras que praticam *estratégias e astúcias* transgressoras, *saberes-fazeres*, que se mostram nas criações alternativas de organização curriculares que, em vez de extinguir ou silenciar as experiências em curso, ajudam na legitimação de *temposespaços* múltiplos de *ensinoaprendizagem*. Assim, carrinhos de supermercado se tornam bibliotecas itinerantes e práticas de alfabetização são pensadas e repensadas contribuindo para a formação de leitores e escritores praticantes. Suas reflexões sobre a institucionalização de *temposespaços* destinados à troca de experiências nos leva a pensar sobre como contribuir para a ruptura de modelos idealizados de ação pedagógica e para viabilização de alternativas condizentes com as diversas e complexas realidades locais, criando condições de realização de alternativas pedagógicas coletivas e emancipatórias.

Por falar em alternativas pedagógicas coletivas e emancipatórias passamos então ao texto do Anderson que se apresenta como um eterno aprendiz e nos apresenta o texto “*E a vida? e a vida o que é diga lá meu irmão: os currículos realizados/inventados no cotidiano escolar*” que é fruto das reflexões realizadas durante sua pesquisa de mestrado. Neste texto, usa várias metáforas para explicitar seu mergulho no cotidiano escolar e, assim, pede licença à escola e seus agentes educacionais para adentrar o portão. De dentro ele (re)visita as práticas cotidianas e traz à tona os sujeitos encarnados, ou seja, nos faz ver a existência de sujeitos complexos compostos de individualidades e de coletividades. A escuta das vozes destes sujeitos, até então silenciadas, se apresenta através dos currículos realizados/inventados como criação escolar. Assim, somos levados a pensar as possibilidades de (re)criação materializadas nos currículos realizados/inventados (FERRAÇO, 2004) em sua relação com a(s) identidade(s) e diferença(s) dos sujeitos. Estas reflexões geram desenraizamentos profundos em toda a estrutura escolar.

Janete e Ana Paula são as autoras do texto “*Potência das redes de conversações no cotidiano escolar: entre formas, forças e modos de constituição*”. Para as autoras o currículo se coloca como um acontecimento, espaço de vivências,

que se constitui no envolvimento dos profissionais e que precisa ser pensado na sua complexidade. Tomando como base de análise as redes tecidas em um dos encontros de estudo com os professores no qual foi usada a linguagem cinematográfica, especificamente o episódio de Bilú e João do filme *Crianças Invisíveis*, elas refletem sobre as conversas desencadeadas e destacam o estranhamento provocado pelo encontro com as múltiplas Bilús e os variados Joãos presentes no cotidiano escolar. Estranhamento que força um deslocamento e que exige a abertura para pensar-agir de modo diferenciado nas complexas ações que produzem currículo no cotidiano escolar em sua relação com as políticas curriculares. Essa é justamente uma das potências dos processos educativos que circulam nas redes de conversações desencadeadas nesses estudos.

Giane é a autora do texto *“Narrativas compõem a história: educadoras de infância em Rio Branco-Acre.”* Este texto foi concebido a partir da pesquisa realizada durante o mestrado onde a pesquisadora se aventurou a pesquisar *no e com* o cotidiano e, como este que não se deixa aprisionar, ela arriscou-se a outros caminhos, inéditos, repletos de surpresas. Nesse percurso, encontrou-se com a professora Ana e, detendo-se em sua história, foi capturada por suas narrativas. Nessa tessitura de redes de subjetividades, os fios que teceram e tecem a história da professora Ana se encontraram com os fios da história da pesquisadora Giane e, neste encontro, algumas tramas foram cultivadas. Através de sua narrativa, Giane nos apresenta Ana que se colocou enquanto protagonista de sua história e de outras histórias que estão enredadas à história dela, pois contar nossas histórias permite-nos rever sentidos e significados em nossos fazeres pedagógicos.

Outro texto que enreda histórias de pesquisa e de pesquisadoras, que também tece, retece e entretece de uma forma que só os cotidianistas sabem fazer é o de Simone *“Narrando histórias e desinvisibilizando sujeitos que pesquisam com o cotidiano”*. Neste texto ela narra uma experiência vivenciada que veio à tona em seu processo de doutoramento e que se configurou em conflitos e reflexões sobre o processo de passagem de pesquisadora escrevente para pesquisadora narradora de histórias. Foi preciso olhar as práticas curriculares docentes e discentes da educação do campo sob um novo olhar, despindo-se das vestes do paradigma da ciência moderna e cobrindo-se de incertezas e intempéries, marcas da complexidade do cotidiano escolar. Daí o uso da metáfora das sementes para indicar a preferência por algumas, melhor enraizadas e sentidas, do que outras nem tão profundas assim. O leitor mais sensível poderá “viajar” na descrição do local onde tudo acontece e com os modos e costumes de uma população tipicamente rural. O texto reflete uma lógica que busca olhar tudo ao mesmo tempo e com todos, mesmo sabendo-se a impossibilidade de realmente fazê-lo. Além disso, sua presença nas escolas foi um importante caminho que evocou sua experiência, dotada de sentidos e significados *individuaiscoletivos*, e trouxe à tona sua nova roupagem expressada em sua condição de *professorapesquisadoraparticipante*.

Em seu texto *“Utopias praticadas: justiça cognitiva e cidadania horizontal na escola pública”*, Inês nos apresenta reflexões proporcionadas por suas atividades de extensão/pesquisa com professoras da Rede Municipal de Queimados, no Rio de Janeiro. As narrativas partem da consideração de que os currículos podem ser percebidos como criação cotidiana e bem como elemento crucial na tessitura da emancipação social democratizante e evidenciam preocupações e produção de ações voltadas à tessitura de relações de reconhecimento e respeito mútuos entre alunos e professores e seus conhecimentos, contribuindo, portanto, à tessitura da emancipação social democratizante.

Cristiana é autora do texto *“Pesquisa com crianças no cotidiano escolar da educação infantil”* e nos lembra que as crianças, por séculos, tiveram e ainda têm suas vozes, histórias e corpos negados, silenciados e subalternizados

por uma racionalidade adultocêntrica que impera nos espaços públicos e é reproduzida nos espaços privados. Mas ela também nos mostra que as crianças podem nos provocar a tensionar as relações entre os sujeitos que habitam o território escolar, problematizando concepções pedagógicas que as adjetivam a partir da falta, da ausência de fala, da incapacidade de testemunhar. Em sua pesquisa Cristiana relata experiências vividas com as crianças, o que elas falam, negam, afirmam, silenciam... Neste texto ela nos apresenta Eduarda, Matheus e Beatriz e nos mostra, aliás, as próprias crianças mostram, o seu protagonismo, colocando em xeque concepções que as concebem como irracionais, passivas e totalmente dependentes dos adultos. Depois desse encontro a autora nos traz reflexões que apontam para a necessidade de uma aprendizagem permanente que nos impulsionem a outros caminhos que se mostram potentes para revitalizar os saberes e os fazeres em educação, problematizando os lugares e papéis sociais construídos historicamente para adultos e crianças.

Leonardo também traz as crianças e seus conhecimentos para o foco. Em seu texto *“Crianças e discursos sobre os corpos nos cotidianos escolares”* nos apresenta achados de uma oficina realizada com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro, com os quais buscou compreender como as crianças (re)conhecem os próprios corpos tendo como aspecto catalisador a seguinte indagação: “Quais discursos sobre a sexualidade circulam nos cotidianos escolares?”. Com base nas ideias de Michel Foucault, Leonardo busca problematizar como os corpos estão presos a poderes que limitam, proíbem e desautorizam os discursos sobre a sexualidade com o cotidiano escolar. No entanto, nosso colega aponta que apesar dos poderes que oprimem a discussão sobre gênero e sexualidade, as crianças subvertem, (re)inventam e (re)produzem outros conhecimentos sobre os corpos. Conhecimentos muitas vezes considerados proibidos, mas que também fazem parte dos cotidianos escolares.

Eduardo nos apresenta um cotidiano do qual pouco se fala, o cotidiano universitário. Em seu texto *“O Batuque e a invenção cotidianos discentes”* nos traz a importância de se *desinibilizar* práticas discentes desenvolvidas nos campi universitários, em especial aquelas articuladas na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais. Para situar sua escrita, o autor apresenta a dinâmica de uma “comunidade” estudantil que, engendrando diferentes processos de subjetivação da experiência juvenil e discente, potencializam o surgimento de modos de viver “alternativos” que possibilitaram a emergência de ações e ideias que visavam nutrir o Movimento Estudantil da universidade, dentre outros aspectos, o fomento de uma musicalidade até então inédita na vivência universitária da UFV – o ritmo do maracatu – e que ganhou expressividade no grupo de percussão “Nação Romão”.

Para arrematar nossa travessia Rafael nos apresenta a resenha da obra *“Tecendo conhecimentos nas escolas”*. Neste livro os autores apresentam uma coletânea de textos que contribuem para a consolidação de uma perspectiva teórica-política-epistemológica de pesquisa em educação, isto é, a pesquisa no/do/com os cotidianos escolares, com a qual um número expressivo de pesquisadores tem se filiado na tentativa de fazer com que as inúmeras possibilidades da vida cotidiana ofereçam aos seus praticantes alternativas que vão na contramão de propostas prescritivas, sobretudo curriculares, para dar lugar à emergência das redes de conhecimentos e práticas fundadas no (re)conhecimento mútuo face ao enredamento de *fazeressaberes* e *saberesfazeres* diversos.

Iniciamos esta apresentação dizendo que *“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma de nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares.”* (PESSOA, 2011) Mas, que outros caminhos trilhar não temos como dizer, podemos apenas narrar nossas experiências e dizer dos

caminhos que trilhamos, pois como nos diz outro poeta: “*Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais; caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar...*” (MACHADO, 1977)

Os organizadores,

*Anderson Romualdo, Graciele Fernandes Mattos, Rafael Marques Gonçalves e Simone Ribeiro*

## REFERÊNCIAS

- BRECHT, B. *A exceção e a regra*: peça didática. Trad. Geir campos. In: \_\_\_\_\_. Teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. V.3
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PAIS, J. M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1987.
- SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, B. S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez 2004. p. 777-823.
- PESSOA, F. *Livro do desassossego* - composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (Org.) 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACHADO, A. *Poesias completas*. 17. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1977.